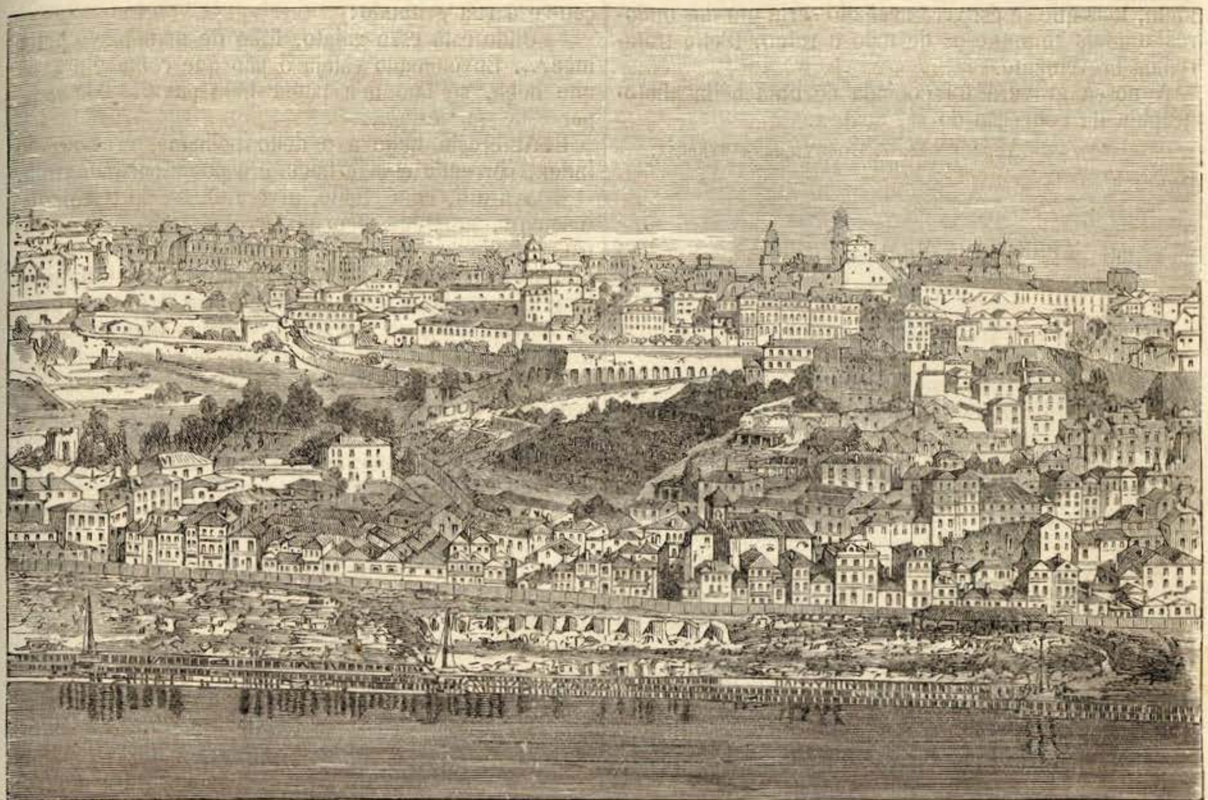


Cidade do Porto vista do lado de Miragaya

No vol. VII do *Archivo*, a pag. 81, acha-se uma gravura que retrata a parte mais antiga da cidade do Porto. É o monte da sé com a sua rede de ruas estreitas e tortuosas, e com o seu apinhoado de casas, a que faz coroa a velha cathedral do conde D. Henrique de Borgonha e da rainha D. Theresa, sua mulher.

Esta face da cidade olha para o sul, e a que damos agora em gravura está voltada quasi para o oéste, não obstante espelharem-se ambas nas aguas do Douro. Esta ultima mostra aquella parte da povoação que, trasbordando por cima da cêrca de muros com que outr'ora a cingiram, se estendeu para o lado de oéste, formando o bairro de Miragaya, sentado á beira do rio, ou subindo pela encosta visinha, e os da Victoria e Santo Ildefonso sobre as alturas e dorso das collinas [1].

No primeiro plano vê-se o Douro, e junto d'elle, em toda a extensão da gravura, as obras da alfandega nova em seu principio, que era o estado em que se achavam quando o sr. Seabra tirou a photographia de que é cópia fiel a mesma gravura.

Depois segue-se a casaria de Miragaya, guarnecendo a estrada que conduz da *porta Nova* para a Foz. Esta porta da velha cêrca, que se conserva em bom estado, juntamente com um lanço da muralha, e o bastião que a defendia, fica para a direita do leitor, mas não a mostra a estampa.

Por detraz da primeira correnteza de casas sobresae a egreja parochial de S. Pedro de Miragaya. É um templo de modesta apparencia, e de fabrica moderna, mas de muita antiguidade na sua primeira fundação. O sabio arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, no seu *Catalogo dos Bispos do Porto*, e com elle outros escriptores, pretendem que fôra fundada aquella egreja por S. Basilio, que dizem ter sido o primeiro bispo do Porto, em vida do apostolo S. Pedro. Posto que esta noticia seja inverosimil por mui fortes razões, não obstante a auctoridade dos escriptores que a acceitaram e publicaram, é certo que a egreja de S. Pedro de Miragaya é muito antiga, embora não date de tão remota origem. No anno de 1453, entrando a barra do Douro, vindo de Constantinopla, um navio em que vinha o corpo de S. Pantaleão, que fôra martyrisado na cidade de Nicomedia, sob o reinado dos imperadores Diocleciano e Maximiano, foi conduzido o santo martyr de bordo do navio para aquella egreja. Depois passou para a sé, tomando-o a cidade por seu padroeiro.

Por cima da egreja de S. Pedro, a pouco mais de meia encosta, lá se descobre o *passeio das Virtudes*, sustentado por alta muralha, e cujo antigo arvoredo foi derrubado modernamente, e substituido por arvores novas. Sobre o grande quarteirão de casas que guarnece todo o fundo do dito passeio, avultam duas torres, a mais alta das quaes é a celebrada *torre dos Clerigos* [1]. Ao lado d'esta, para a direita do leitor, vê-se o convento que pertencia á extincta ordem benedictina, intitulado *S. Bento da Victoria* por lhe ficar proxima, na mesma rua, a egreja parochial de *Nossa Senhora da Victoria*. Foi fundado este convento em 1598. A sua vastissima egreja não tem bellezas de architectura, mas é rica em obra de talha doirada, com que se adornam não sómente as capellas e altares, mas tambem grande parte das paredes do templo. Acha-se este bem conservado, e celebram-se n'elle as ceremonias do culto com bastante aceio. O edificio do convento serve de quartel militar.

[1] Depois variou a divisão da cidade e formação dos bairros.

[1] Vid. pag. 177 do vol. III.

No outro lado da gravura, na parte alta da cidade, onde a casaria se mostra em sombra, distingue-se o grande edificio do *hospital real de Santo Antonio*, chamado vulgarmente *hospital novo;* edificio incompleto, mas que se estivera acabado seria um dos maiores e mais sumptuosos de todo o reino. D'elle trataremos brevemente.

A nossa gravura foi copiada de uma bella photographia da collecção do sr. Seabra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(Vid. pag. 43)

VIII

Era domingo, e chovia a cantaros.

D. João de Urrutia estava alegre e prazenteiro, coisa que tinha admirado a todos, porque D. João se ia azedando por modo tal, que os habitantes da aldeia em vez de lhe chamarem já João Palomo, chamavam-lhe agora *Cascarrabias*.

Em que consistiria tão repentina mudança?

O pobre André, pelo contrario, estava reservado e triste; novidade tambem, e não pequena, mas que não excitava a curiosidade de ninguem, porque ninguem ignorava já em Cabia que Isabel estava para casar com André, o que era prova ter este riscado com carvão na frontaria da egreja um perfil torcido, em que todos reconheciam o nariz de Ambrosia.

Cessára a chuva em meia tarde.

Não era, porém, possivel jogar a bola nem a pellota nos quintaes, porque estes se achavam convertidos em charcos.

Os rapazes da aldeia, entre os quaes se contava André, embora tivessem quasi que leval-o, por assim dizer, a reboque, apanharam bolas e pellotas, e foram-se em procura de casa onde podessem armar o jogo.

— Ambrosia! — dizia D. João á sua governante em tom de zombaria; teve-me vossemecê hoje em jejum até ao meio dia por estar em sociedade... com os santos; mas perdôo-lhe, porque não quero amargar-lhe os triumphos.

— Deixe-me, pelo amor de Deus, que não tenho vontade de conversar. De que triumphos quer fallar?...

— Não os viu?

— Não, senhor.

— Bem se conhece que não tem boa vista.

— Não me insulte, que não estou para brinquedos, e vingar-me-hei seja de quem for.

— Ora essa!... Veja, Ambrosia, se alguem é capaz de alcançar triumpho como o que vossemecê alcançou.

— Mas de que triumpho quer fallar, sr. D. João?... V. exc. póde zombar das coisas mais sérias, porque é herege; porém já me vae faltando a paciencia.

— Pois vossemecê ignora? Saiba que o seu perfil mereceu a alta honra de ser retratado e exposto publicamente nada menos que na frontaria da egreja!...

— Cale-se, cale-se, pelas chagas de Christo, e não se divirta commigo!

— Isso é que não póde ser! Cabia inteira diverte-se com o perfil torcido da sra. Ambrosia.

— Só lhe digo que se quer divertir-se compre bonecos!

Resoaram n'aquelle instante grandes gargalhadas no adro da egreja.

D. João chegou á janella d'onde se avistava o adro.

— Que é isso, Antonio? — perguntou a este, que vinha da egreja rebentando com riso.

— Que ha de ser! — respondeu Antonio. Coisas de André, que é o proprio demonio. Pois não desenhou com carvão, que parece ter vida, o perfil de Ambrosia!

Ouvindo isto, Ambrosia deu um salto de hyena, e tomando uma bacia com agua e uma esponja, lançou-se á rua gritando:

— Onde está esse gaiato, filho de mau pae e peior mãe?... Envenenado esteja o pão que coma e a agua que beba, se não m'a pagar bem paga... Por esta! por esta! por esta!...

E Ambrosia beijava o dedo pollegar, cruzado no index, correndo com a bacia e esponja para a egreja.

Estava alli, com effeito, a vera effigie do seu perfil, insolente, graphico, sem poder confundir-se com outro, e fallando, como dizia Antonio; mas André desenhára-o servindo-lhe Bento de andaime, que tinha tambem má vontade a Ambrosia, e esta deu novo grito de desesperação ao ver que a esponja não alcançava a altura do desenho.

— Ainda que essa infame pintura estivesse no quinto ceo havia de chegar-lhe! — exclamou, atirando com a esponja ao perfil de carvão; mas a esponja caíu no solo sem dar no alvo; e tornou a subir e a cair, coberta já de barro, formado com o pó que recolhêra nas mutiplicadas quédas, até que em um d'aquelles arremessos veiu parar ao rosto de Ambrosia.

Os rapazes e os homens, que se iam já reunindo no adro da egreja, soltaram estridente gargalhada, dando um passo para traz, espantados ao ver a horrivel cara de Ambrosia, desconcertada pela colera e coberta de lodo negro.

A gargalhada e a inutilidade dos esforços acabaram de cegar e desesperar Ambrosia, que, encostando-se á parede, começou a dar grandes saltos como o cão a quem põem a tres metros de altura um pedaço de carne.

— Ó senhora, senhora, olhe que lhe fazem mal esses saltos! — gritaram-lhe Antonia e outras visinhas, afugentando os rapazes.

Então Ambrosia lançou ao chão a bacia, e correu para casa em estado de exaltação impossivel de descrever.

— Fulminada seja a bruxa do averno! — exclamou Juancho, quasi tão desesperado como Ambrosia.

Era que a bacia arremessada pela aia de D. João rompêra-lhe o cigarro em que saboreava bellissimo tabaco que pedira ao proprio D. João de Urrutia, ao vêl-o tão satisfeito n'aquelle dia.

D. João continuava na janella onde contemplára e celebrára aquella ridicula scena.

— Pela Virgem! sr. D. João, disse Antonia, essa mulher vae ter alguma coisa. Mande chamar o cirurgião, e diga v. exc. entretanto a Cyriaca...

— Vaso ruim não quebra, respondeu João Palomo. Ha de passar-lhe o mal sem remedio. Ouviram como ella bateu com a porta ao encerrar-se no quarto? Passar-lhe-ha a furia dentro em pouco.

O sol apparecêra formoso e radiante, e a maior parte dos habitantes de Cabia imitára os caracoes quando o sol apparece. O nogueiral ia-se enchendo de gente.

D. João, que guardava alguns minutos de silencio e applicava o ouvido para o noroeste, de repente exclamou:

— Demonio! lá está a armada em Castro. Não ouvem os tiros da artilheria?

Pozeram-se todos a escutar, e em seguida todos soltaram uma gargalhada.

— São bons tiros, com effeito! — disse Antonia. É André que está, com outros rapazes, jogando a bola no celleiro da sua noiva.

— Quer vossemecê dizer da que foi sua noiva, replicou D. João anuviando-se-lhe um tanto o rosto.

— Da que ainda será, porque não se deve fazer caso dos arrufos de rapazes. Por mais que diga Isabel, bem

agarrada a tem já esse endiabrado de André, que é capaz de enfeitiçar ao romper da aurora.

Espantosa nuvem acabou de carregar o rosto de D. João de Urrutia, que não pôde tolerar que o contradissessem duvidando da perspicacia do seu ouvido.

— Digo-lhes que são tiros!

— Serão, porém não acreditâmos.

— Querem fazer-me louco? Digo e repito que em Castro ha tiroteio que estremece a terra. Oiçam... Brooom! Não ha duvida: são os inglezes que querem outra Gibraltar...

— Já é teima!

— Pois vossês não ouvem, trapaceiros...

— Não seja insolente! Todos aqui sabemos o que são bolas e o que é artilheria!

— Hão de convencer-se de que são tiros, ou levar-me-hão duzentos mil demonios!

E D. João saiu para a rua, dirigindo-se a casa de Isabel.

Ao chegar á porta ouviu por cima o som de uma bola; isto convenceu-o de que se enganára redondamente, e de que os habitantes de Cabia tinham o que necessitavam para lhe queimarem o sangue.

Soltou uma terrivel imprecação, e tomando uma estaca do monte de lenha que estava na rua, lançou-se á escada do celleiro, jurando e tornando a jurar que ia matar André.

Isabel, que estava no primeiro andar, penteando sua mãe, deu um grito de terror e precipitou-se ao encontro de D. João para o deter.

Aquelle grito e a solicitude por André convenceram João Palomo de que Isabel estimava o sineiro, e a medida da sua desesperação trasbordou.

Isabel gritava a André que fugisse; mas André com o ruido das bolas não ouvia. D. João, apesar de todos os esforços da rapariga, chegava já, empunhando a estaca, aos ultimos degraus.

De repente a alegria illuminou o formoso rosto de Isabel, que disse a D. João em voz baixa:

— Se maltratar André, contarei as coisas más que v. exc. me disse na estrada e na fonte.

D. João, que entrára no celleiro n'aquelle instante, fez um horrivel gesto de desesperação e lançou ao solo a estaca, a cujo ruido André voltou a cara, e saltando da janella do celleiro para a figueira que dava contra ella, achou-se antes de um minuto em o nogueiral.

D. João voltou immediatamente para sua casa, sendo comprimentado ao sair da de Isabel por muitas vozes, que lhe diziam:

— Brooom! Não ha que duvidar, são os inglezes que querem outra Gibraltar!...

E André, inteirado já de tudo que se passára, tomava parte n'aquelle côro, capaz de fazer perder a paciencia ao pacientissimo Job.

Anoitecêra uma hora depois, e André repicava os sinos.

— E que tal! diziam os moradores de Cabia depois de rezar as Ave-Marias. Como aquelle endiabrado rapaz imita a artilheria! Atura-o lá, João Palomo!

D. João affirmava para comsigo, não só que André imitava com os sinos os tiros da artilheria, senão tambem repetia quanto elle dissera na janella para provar que os inglezes bombardeavam Castro Urdiales.

— V. exc. quer luz? — lhe perguntou Bento entreabrindo a porta do quarto.

— Um raio de Deus fulmine esta casa com os que estamos dentro! — respondeu D. João arremessando ao criado um tinteiro, que por felicidade não o magoou.

Na manhã seguinte subiu André á torre para tocar a matinas. A meio da escada da torre, segundo o invariavel costume, assomou a uma janella que alli havia para ver se passava alguem por debaixo, e lançar-lhe uma pedrinha.

O que passava por baixo era o sr. prior, que, acompanhado de Bento, se dirigia apressadamente para casa de João Palomo.

André esteve para lançar a pedrinha a Bento, mas desistiu d'aquelle prazer, com receio de acertar no prior, e subiu o resto da escada.

Acabava de dar o ultimo signal quando ouviu o prior, que o chamava no adro.

— Que determina vossa reverendissima, respondeu deitando a cabeça por baixo de um sino.

— Dobra a finados, lhe disse o sacerdote.

— Quem morreu, sr. prior?

— A pobre Ambrosia! — respondeu tristemente sua reverencia.

E André fez por duas vezes dobrar tristemente os sinos.

IX.

Ha um mez que Ambrosia, aia de D. João, morreu de um ataque cerebral; e desde então André está inteiramente desconhecido, e por tal modo, que quando quer tocar a matinas toca a defunctos; já não deita pedrinhas aos que passam ao alcance da torre, nem passeia pelo alto do campanario, com risco de vida, nem canta, nem ri, nem salta, nem faz travessuras ás raparigas do sitio.

Succede a Isabel coisa parecida, porque tambem não canta, nem ri, e o que é peior ainda, perdeu aquellas côres de rosa de Alexandria, que os rapazes da aldeia tanto enamoravam.

É manhã de S. João.

Isabel põe o reluzente cantaro na cabeça e dirige-se para a fonte. A meio caminho encontra-se com André que volta da aldeia, e sentindo opprimir-se-lhe o peito e humedecerem-se-lhe os olhos, fez um esforço supremo para distrahir esta commoção, e sobre tudo para occultal-a a André.

Isabel põe-se a cantar:

> Déjame pasar, que voy
> á cojer la agua serena
> para lavarme la cara,
> que han dicho que soy morena.

— Para que cantas, se choras? para que dizes que és morena, se estás sem côr? — perguntou-lhe André, tratando de sorrir, não obstante os olhos se lhe arrasarem em lagrimas.

— Que eu chore ou esteja descórada, pouco te importa, André.

— Não me importa?

— Não.

— Por quê?

— Porque já me esqueceste.

— Isabel! Vês aquellas penhas lá no alto?

— Vejo.

— Pois mais firme que ellas é o meu affecto.

— Enganas-me.

— Não me acreditas?

— Não.

— Por quê?

— Porque nunca tiveste constancia.

— Mas agora não me falta.

— E durará muito?

— O resto da minha vida.

— Enganas-me outra vez.

— Isabel, por Deus, não me deixes, estima-me, que eu não posso viver sem ti! — exclamou André, com tal accentuação de verdade e tamanha commoção, que a alma parecia ir-se-lhe após as palavras.

— Dizes a verdade?

— Juro-o, por esta cruz.

E André formou o signal da cruz com o dedo index da mão direita e o da esquerda.

Na profunda lei dos habitantes de Cabia não havia senão fechar os olhos e curvar a cabeça ante similhante juramento.

Isabel acreditou André; mas a fé de amante não excluia a curiosidade de mulher.

— E como se operou essa mudança? — disse Isabel com ingenuidade.

— Lembras-te de que ha um mez falleceu Ambrosia?

— Lembro-me.

— Pois desde então senti duas coisas: remorsos, porque Ambrosia morreu por minha causa, e desgosto, porque tu não me estimavas! Olha, Isabel, desde então nem uma só vez subi á torre sem ajoelhar, chorando, ao passar no adro para pedir a Deus que salvasse Ambrosia, e que me tirasse os desgostos, tirando-me a vida. Nem acordado nem adormecido pude lançar de mim a idéa de que D. João te amava.

— D. João?... Assusta-me, na verdade, quando me encontro só; e lembras-te d'aquella noite na fonte...

— Convenci-me n'aquella noite de que elle te amava, e desde então comecei a pensar no meio de vingar-me; mas desde que Ambrosia morreu por causa de uma travessura minha, e que por causa de outra tu me aborreceste...

— Nunca te aborreci.

— Abençoada seja a tua boca!... Pois desde que me succedeu isto, fiquei tão triste, tão triste... que me pezava não te haver enganado para ir á encosta de Celaya, ouvir aquella voz e morrer...

— Ai que medo, André! — exclamou Isabel approximando-se do mancebo como implorando protecção.

Para comprehender as palavras de André, e principalmente o receio de Isabel, necessito, meu amor, notar que em Cabia se acredita que o que soube illudir uma rapariga e passa pela encosta de Celaya, que está na base de um pico elevadissimo, ouve alli uma voz que desce do pico, e é tão triste e tão espantosa essa voz, que o que a ouve amanhece morto no dia seguinte.

— Minha mãe, perguntei eu uma vez, ouvindo-lhe contar isto, de quem é essa voz tão triste?

— De quem ha de ser descendo do alto? Do ceo, meu filho. Se os homens que são fortes maltratam as mulheres que são debeis, quem, senão Deus, ha de proteger as mulheres?

Se um dia formoso menino, descançando os braços nos teus joelhos, e erguendo para ti o seu rosto côr de rosa, te pedir que lhe contes um conto, conta-lhe este que me contou minha mãe; porque se uma mulher semeou no coração de um menino para que tu recolhesses o fructo, justo é que tu semeies no coração de outro para que outra mulher saboreie o mesmo fructo.

Mas voltemos a André.

— Um domingo á tarde havia baile em o nogueiral, e todas as raparigas me perguntavam por que não dançava.

— E para que danças com ellas...

— Ainda que assim o comprehendi, não quiz estar alli, porque disse: — «Se não está Isabel, que hei de fazer? e se ella vier, de que me servirá se não fizer caso de mim ou dançar com outro?» Subi, pois, á torre, porque quanto mais nos aproximâmos do ceo, menos nos incommoda os ruidos da terra.

— Pobre André, quanto chorarias!

— Não chorava, não; porque subi á torre pensando se me conviria precipitar-me d'ella para acabar de penar.

— E teu pae, os teus amigos, e os que te amam?

— Tens razão; tambem pensei isso, Isabel. Disse: «é já velho meu pae, e não acerta em cortar a penna aos rapazes, nem em riscar direito os traslados se não vou em seu auxilio; que culpa tem o pobre ancião de tudo o que me succede, para que se encontre sem o meu auxilio quando mais carece d'elle, depois de estar tantos annos esperando em mim?» Disse isto, e desisti de fazer o disparate que me occorrêra; mas depois voltei a vista para o castanheiro da fonte, recordei-me de João Palomo, e tive outra vez o desejo de vingar-me... Pensando como havia de vingar-me, ergui a vista do castanheiro da fonte para o pico de Celaya. O sol dos mortos, pallido e triste como nunca o víra, illuminava o cume do pico... Continuei a observal-o, e uma tristeza muito maior que a que d'antes tinha me foi opprimindo o coração... e pensei em ti, no meu pae, na minha mãe e em Deus, e os olhos arrasaram-se-me em lagrimas. N'aquelle instante gritou-me o sr. prior da janella de sua casa: «André, toca á oração.» Tomei a corda do sino, e ao dar o primeiro toque derramei lagrimas como criança, e senti-me consolado; e ao soltar a corda do sino caí de joelhos e rezei pedindo á Deus que me perdoasse o mal que fizera n'este mundo e o que pensára fazer... Desde então sou já outro, Isabel, sou já outro.

E dizendo isto, André fitava os olhos em Isabel, esperando com anciedade as primeiras palavras que esta pronunciaria.

— Pois eu, André, ainda não deixei de amar-te! — disse Isabel com a innocente ingenuidade que constituia o maior de seus encantos; e accrescentou, fazendo um gesto de menina que quer chorar: — porém olha, não me tornes a enganar, que isso não vale.

André apertou-lhe a mão em silencio, e Isabel sorriu-se com infinita alegria, dando mais valor áquelle aperto, que a todos os juramentos e a todas as promessas que ouvíra até então dos labios de André.

E ambos, dadas as mãos, seguiram o caminho da fonte.

(Continua) BRITO ARANHA.

ORCHIDEAS

MILTONIA ROSEA

A planta assim chamada pertence á familia das *orchideas* que Linneo collocou na Gynandria, a vigesima classe das vinte e quatro em que dividiu o reino vegetal.

Durante a vida do grande legislador da botanica compunha-se aquella familia apenas de oito generos. Jussieu accrescentou-lhe mais cinco em 1798. Swart, descobrindo outras novas especies, elevou aquelle numero, em 1820, a vinte e cinco, que distribuiu por tres secções. Roberto Brown, na sua *Flora da Nova Hollanda*, e na segunda edição do seu *Hortus Kewensis* conta quarenta e oito, repartidos por cinco secções.

Ao mesmo tempo, porém, que isto se passava na Europa, o celebre naturalista Dupetit-Thouars, aventurando-se a penosas viagens além do Cabo da Boa Esperança, só com o fito nas explorações botanicas, objecto da sua predilecção e especial estudo, encontrou sómente em tres ilhas austraes da Africa noventa e uma especies de orchideas, o que lhe deu materia para compor a sua curiosa *Historia particular das plantas orchideas*, que publicou em 1822 em 1 vol. em quarto, ornado de cento e dez gravuras. Essas diversas especies, reunidas a todas as outras até então descobertas nas differentes regiões do globo, perfaziam um numero superior a setecentas, as quaes este ultimo botanico dividiu em sessenta generos. Depois d'isto ainda se descobriram muitas novas especies, principalmente no Brasil, no Chili, e no Perú.

As orchideas são plantas vivazes, que vegetam communmente nos bosques e nos prados humidos e sombrios; ou sobre os troncos das arvores, ora subindo por elles como trepadeiras, ora pendendo em longos

festões, que na epocha da florescencia se transformam em formosissimas grinaldas de flores, que juntam, em algumas especies, a variedade e belleza das côres á suavidade do perfume, e ás fórmas mais singulares e exquisitas que se póde imaginar.

Com taes dotes não podiam deixar de attrahir a attenção dos amadores de jardinagem. Principiando, portanto, a serem procuradas e mui estimadas pelos curiosos de collecções botanicas, não tardaram a constituirem um objecto de commercio importante. São muitas as variedades que se vendem actualmente por alto preço, mas algumas especies mais raras, ou mais apreciadas pelos amadores custam sommas fabulosas, que fazem lembrar a mania que excitaram as tulipas na Hollanda, sobre tudo no seculo XVII, chegando-se a prometter o premio de cem mil cruzados a quem apresentasse uma tulipa negra, e dando-se grossas quantias pelas que mais se approximavam d'esta côr.

As orchideas dividem-se naturalmente em dois grandes generos ou secções principaes, *terrestres* e *parasitas*, cada um com muitas subdivisões.

Das primeiras possue Portugal bastantes especies, e algumas raras, e pouco conhecidas nas floras estrangeiras. Encontram-se nas serras do Gerez, de Cintra, e em outras montanhas de encostas arborisadas. Entre Runa e Torres Vedras, nas margens do Sysandro, que são assombradas de arvoredo, temos achado floridas lindas especies de orchideas terrestres.

Tambem na serra de Santa Catharina, junto a cidade de Guimarães, serra mui parecida com a de Cintra pelos carvalhos e castanheiros colossaes que a povoam, pelos rochedos gigantescos de que está eriçada, e pelas grossas torrentes que em diversas direcções se despenham das rochas, e se precipitam pelas quebradas: n'esta serra, dizemos, percorrendo-a nós em 1847, com o fim de colligirmos alguns *lichens*, em que é bastamente rica, encontrámos uma variedade de orchideas singularissima na fórma e na belleza da flor, que nunca vimos descripta nas obras que tratam d'esta familia de plantas tão interessantes á vista e ao estudo. É, na verdade, muito para lamentar que não haja entre nós quem faça excursões botanicas como empreza commercial; pois que possuimos uma das mais variadas e ricas floras da Europa. A serra do Gerez, que encerra tão grande cópia de arvores, arbustos e outras diversidades de plantas, que se não acham no resto do paiz, e algumas que nem no meio dia da Europa, offereceria só de per si essa montanha ao viajante explorador uma verdadeira mina.

As parasitas, que são, certamente, as que reunem em si maiores singularidades, crescem pela maior parte nas mattas da America meriodional, onde são o enlêvo dos viajantes.



Miltonia rosea

Transportadas para a Europa é preciso conserval-as em estufas, excepto nos paizes em que, como o nosso, as larangeiras supportam ao ar livre os rigores do inverno. Em um jardim particular, n'esta cidade, conhecemos uma d'estas parasitas, vinda do Brasil, que vegetou soffrivelmente, e floreceu durante alguns annos, pendente de uma arvore, e que ainda hoje viveria se lhe tivessem procurado mais conveniente collocação, isto é, em logar mais fresco, e em arvore mais frondosa.

A especie que a nossa gravura representa chama-se *Miltonia rosea, de Pinel;* pertence ao genero *Miltonia* (uniflora), e á grande secção das parasitas. A flor é côr de rosa e violacea, e de agradavel cheiro.

Foi achada esta linda especie por mr. Ch. Pinel em 1844 nas mattas virgens do valle da Cachoeira no Brasil.

As primeiras que vieram para a Europa foram enviadas a Will. Rolisson, horticultor em Cooting, proximo de Londres.

Mr. Ch. Pinel cultiva esta e outras especies na Cachoeira, perto de Nova Friburgo. Ficam muito mais baratas as orchideas mandadas vir dos estabelecimentos de horticultura do Brasil, do que de quaesquer outros da Europa.

A nossa gravura é cópia de um desenho original feito á vista da planta em florecencia, que nos foi enviado do Rio de Janeiro, com mais alguns outros, tambem de plantas da mesma familia. Em outra occasião diremos alguma coisa sobre a cultura e tratamento das orchideas em o nosso paiz.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LIÇÃO A MALEDICENTES

D. Henrique de Menezes foi um dos governadores da India que mais nome adquiriram pela justiça e prudencia com que governaram, e pela energia e valor com que souberam fazer respeitado o imperio portuguez na Asia.

Pouco tempo depois do seu fallecimento, achando-se reunidos varios fidalgos, dos que militavam na India, em certa casa da cidade de Goa, caíu a conversação sobre a pessoa do fallecido governador, e ácerca da sua administração. Os que primeiro fallaram fizeram-n'o com elogio, rendendo justo tributo á memoria de tão insigne varão. Porém, um dos taes fidalgos, que parecia pezarem-lhe tantos louvores, começou a querer notar-lhe defeitos. Mas Heitor da Silveira, atalhando-o logo, tapou-lhe a boca com as seguintes palavras: «*O maior defeito que elle teve foi não desterrar da India quantas más linguas havia.*» A allusão era tão directa, que não deixava alternativa ao maledicente entre o silencio e o desafio. Este, porém, como todos os que põem a sua força na lingua, tinha o braço menos forte, e não retorquiu.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

(Vid. pag. 47)

V

O mau successo da primeira tentativa contra as portas de Tanger, que tão grande desalento causára em todo o exercito, teve ao menos, talvez, um lado util. Obrigou a tomar medidas de prudencia e precaução aos que tudo confiavam da sua boa estrella e do seu proprio esforço.

Decidiu-se, pois, que se fortificasse o arrayal o melhor que fosse possivel. No sabbado, logo ao amanhecer, começaram simultaneamente os trabalhos para o assentamento do campo, e para as obras de defesa. Cavaram-se profundos e largos fossos, levantou-se junto d'elles uma forte estacada, e transportaram-se para alli as armas, artilheria, petrechos e mantimentos que vinham a bordo dos navios da armada.

Passaram-se quasi oito dias n'estes preparativos, durante os quaes apenas houve pequenas escaramuças com alguns moiros que se recolhiam á cidade.

O infante D. Henrique era incançavel, e o seu espirito parecia elevar-se e fortalecer-se á maneira que as difficuldades cresciam, e que os perigos tomavam vulto diante d'elle. Não havia fadigas capazes de fazer curvar aquelle corpo de ferro, nem cuidados, nem temores que podessem abater aquella alma de tão rija tempera.

Dirigindo e activando os trabalhos com a palavra e com o exemplo; animando os que davam mostras de desalento; cuidando dos feridos com a caridade de um perfeito christão; velando por todos com a solicitude de um pae; e provendo a tudo com a vigilancia e energia de um general, conseguíra este grande principe desvanecer a terrivel impressão que deixaram na tropa aquelles tristes presagios. E pouco a pouco foram passando para os soldados a confiança e as esperanças que saíam em promessas da boca do seu chefe, e que tão vivas se lhe estampavam no rosto.

No peito humano succedem-se muitas vezes a acção e a reacção dos sentimentos e das paixões tão naturalmente, como no Oceano se succedem o fluxo e o refluxo das aguas. É coisa mui commum na vida social ver o individuo, como tambem um povo, passar de improviso de um sentimento, que parecia profundamente arraigado, ao outro diametralmente opposto.

Assim aconteceu no arrayal do nosso exercito. Com a mesma facilidade com que, sete dias antes, tinham caído das alturas de uma elevada fé e grande esperança para os abysmos da descrença e do desalento, agora se erguiam tão animados e confiados, como se os caprichos da sorte estivessem sujeitos ao seu alvedrio.

Dos agoiros passados já ninguem se lembrava. A idéa de um brilhante triumpho, mais ainda, a convicção intima de que Deus lhes reservava uma victoria certa e completa sobre a cidade infiel, era o pensamento que a todos preoccupava; era o estimulo que abrasava soldados e capitães em desejos insoffridos de pelejar, quando o infante D. Henrique deu ordem para o combate.

VI

Raiava o dia 20 de setembro sereno e formoso, como costumam ser os dias d'essa quadra do anno n'aquellas terras de Africa. Era uma sexta feira. Começavam apenas os frouxos raios do sol a dissipar as trevas, e já no acampamento e na bahia tudo era movimento e alvoroço. Os navios aproximavam-se mais da terra, e tomavam posições convenientes para auxiliarem o assalto com os tiros da sua artilheria. No arrayal assentavam-se contra as muralhas da cidade algumas bombardas, chegavam-lhes as pedras que deviam fazer as vezes de balas; punham-se á mão as escadas e machinas de guerra; os soldados fortaleciam o corpo e o espirito com uma ligeira refeição; e, finalmente, formavam-se as phalanges, ordenavam-se os commandos, e repartiam-se as emprezas.

Ao infante D. Fernando, com a sua valente hoste, foi confiado o ataque da porta de Fez; commettendo-se ao conde de Arrayolos o commando da reserva, que o devia seguir e proteger. Ao bispo de Evora encarregou-se o combate pelo lado do postigo do valle. Distribuiram-se ainda outros postos; porém a parte mais ousada e perigosa da empreza reservou-a o infante D. Henrique para si; e era nada menos que o assalto ao torreado e bem guarnecido castello da cidade.

Seriam dez horas da manhã quando as trombetas deram signal para o rompimento do combate.

Estavam já os moiros prevenidos, porque de sobra tinham visto desde o alvorecer os aprestes de guerra que se faziam no campo inimigo. Entretanto, apesar de se crerem bem fortes e seguros, estremeceram ao ver o enthusiasmo e ardor com que os christãos saíram do seu arrayal.

Não será facil, certamente, descrever a furia e valentia d'este accommettimento. Junto á porta de Fez, no postigo do valle, e sob as torres do castello, obraram os portuguezes prodigios de valor. Mas todo o seu esforço foi completamente inutil. As portas cederam ao ferro, ou ao fogo, mas por detraz tinham os moiros levantado, n'aquelles poucos dias, grossos muros de pedra com que as fecharam inteiramente.

Vendo os denodados campeões de Christo assim embargado o seu passo, lançaram mão das escadas para dar assalto aos muros. Porém não foram ahi mais felizes, pois que as escadas, por indesculpavel incuria, eram todas tão curtas, que apenas serviam de expor os nossos pobres soldados ás pedras, aos tições inflammados, ao azeite e á agua ferventes, com que os moiros lhes atiravam de cima dos muros em desesperada resistencia.

Eram cinco horas da tarde, e o combate estava ainda em todos os postos tão porfioso e encarniçado, como no momento em que principiára. Nenhuma vantagem tinham adquirido as nossas armas, apesar de tantas acções de bravura; e, todavia, já vinte soldados tinham perdido a vida, e achavam-se feridos quinhentos.

Não havia pois que hesitar. Fôra imprudencia e condemnavel capricho protrahir por mais tempo uma lucta tão desegual e sem proveito para os sitiantes. Bem a seu pesar, e com visivel desgosto, ordenou o infante D. Henrique a retirada.

Recolheu-se a tropa em boa ordem aos seus entrincheiramentos, ficando só de fóra o marechal e o capitão Alvaro Vaz de Almada, com alguma gente para guarda das machinas e bombardas que se deixaram proximas da cidade, visto acharem-se as suas portas tapadas de pedra e cal.

A infelicidade d'esta segunda tentativa foi, sem dúvida, muito maior do que da primeira, por quanto a perda que os nossos soffreram agora, principalmente em feridos, era muito grande para um exercito tão pequeno. Todavia, como d'esta vez não appareceu algum d'aquelles agoiros, que n'essas eras de crenças vivas, e de singelo viver, quebravam ao mesmo tempo as forças da alma e do corpo, ainda aos mais intrepidos e ousados, recolheu-se a tropa ao arrayal, sim fatigada de tão prolongado combate, mas não descoroçoada.

Attribuindo todos o mallogro da empreza, não á

resistencia dos sete mil arabes que defendiam corajosamente a sua cidade, mas aos muros de pedra que tapavam as portas, e á pequenez das escadas, que não permittiam escalar as muralhas, esperava-se, e contava-se como coisa certa, que a praça seria entrada e tomada logo que houvesse provisão de boas escadas, quaes se requeriam para o feito.

Portanto, logo no dia seguinte expediu o infante D. Henrique uma embarcação para ir buscar a Ceuta novas escadas, e mais duas bombardas de grosso calibre, com bastante provimento de pedra e polvora.

Em quanto, porém, no arrayal se esperava com anciedade pela volta do navio; em quanto todos alli repoisavam tranquillamente sobre as mais lisongeiras esperanças, sonhando batalhas, e prophetisando victorias, iam-se accumulando no horisonte do seu futuro nuvens espessas e negras, que ameaçavam rebentar breve sobre elles em medonha tempestade.

Os vigias do arrayal vieram um dia dar parte de que nas cumiadas das montanhas que se alongam para o interior, apparecêra ao romper d'alva um grande bando de guerreiros moiros, e que dos visinhos valles saiam distinctos sons de muita vozeria e tropel de cavalleiros.

Mandou immediatamente o infante a Rui de Souza, e seu filho Gonçalo Rodrigues de Souza, com sessenta cavalleiros, a descobrir campo e trazer novas.

Saíram, com effeito, para o lado que os vigias tinham indicado, e pouco tardou que se encontrassem com uma numerosa cavalgada de guerreiros arabes, bem montados, e ainda melhor armados.

Não queriam outra coisa os destemidos descobridores, que ardiam em desejos de dar provas do seu valor e coragem. Assim, pois, ver os inimigos e accommettel-os foi obra de um momento. Eram os moiros em muito maior numero do que os christãos, mas carregaram estes com tamanha impetuosidade, derrubando e matando a quatorze dos contrarios logo no primeiro recontro, que toda a phalange sarracena voltou costas, fugindo a toda a brida.

Levados do seu ardor, cegos por aquelle triumpho, correram os nossos em perseguição dos fugitivos. Indo, porém, a sua carreira ainda curta, saíu-lhes ao caminho tal somma de moiros, que forçados se viram, a seu turno, a procurar na fuga a salvação.

No outro dia mandou o infante trezentos homens de cavallo explorar o campo. Não chegaram a andar meia legoa, porque lhes embargou o passo uma infinita alluvião de moiros. Mas esse breve espaço de terra foi para os nossos um vasto theatro de gentilezas e de gloria. Cercados e accommettidos de inimigos por todos os lados, que de instante para instante recresciam em numero e ousadia, pelejaram os portuguezes com tanto denodo, obraram tão incriveis prodigios de valor, que, depois de matarem cento e cincoenta moiros, conseguiram retirarem-se com honra do meio d'aquella immensa moirama.

Para tão grande conflicto a perda dos nossos póde chamar-se pequena, pois que lhes ficaram mortos no campo cincoenta homens. Mas era grande, nao só em relação ás forças do exercito e ao aperto das circunstancias, como tambem porque entre esses corpos que deixaram sem vida jaziam alguns fidalgos dos que mais se extremavam nos combates por esforço do braço e arrojo do animo.

As sortidas continuaram nos dias seguintes. Renovaram-se em todos elles pelejas, como aquella, porfiosas, encarniçadas, sanguinolentas de parte a parte, e para os nossos tão deseguaes pela pequenez do seu numero, quão gloriosas pela grandeza de suas façanhas. Os portuguezes recolhiam-se sempre para dentro dos seus entrincheiramentos enramados de loiros, e o pendão das quinas sempre coberto de gloria. Mas de dia para dia rareavam-se as fileiras do exercito christão, cresciam e multiplicavam-se os inimigos, e o campo livre em torno do arrayal retrahia-se de mais em mais.

A estrella de Portugal ainda alli brilhava pelo reflexo d'esses feitos gloriosos; mas em volta d'ella escurecia-se o ceo, condensavam-se as nuvens, e começava a ouvir-se o rebombo do trovão.

As circunstancias iam assumindo um caracter de muita gravidade. Cada novo dia que se accrescentava na cadeia dos annos era testimunha da chegada de novas phalanges musulmanas, vindas do interior de Africa em soccorro de Tanger.

A cidade já tinha desimpedido uma das suas portas para receber um importante reforço; e os nossos viram, mau grado seu, introduzir-se na praça grosso corpo de auxiliares, sem lhe poderem estorvar o passo. E em todos os montes e valles das visinhanças reluziam por entre os mattos o crescente de Mafoma e os alfanges arabes.

Os sitiadores estavam quasi sitiados. O unico lado que estava ainda desaffrontado de inimigos era o que dava saída para a praia. Mas esse caminho era o da fuga, e a fuga para os companheiros de armas do conquistador de Ceuta era peior que o desbarato, peior que a escravidão, mil vezes peior que a morte, porque se lhes afigurava uma cobardia, e a cobardia era o maior de todos os opprobrios para tão esforçados e briosos peitos.

Resolveu-se, pois, o infante D. Henrique a ir dar batalha aos moiros que occupavam as cercanias da cidade. Era o ultimo dia de setembro. O exercito saiu do acampamento na mesma fórma com que saíra de Ceuta, levando como em procissão as mesmas imagens e bandeiras. Compunha-se de mil e quinhentos homens de cavallo, oitocentos bésteiros, e dois mil soldados de infanteria. O resto das tropas ficaram para segurança e defesa do arrayal. O infante D. Henrique commandava em chefe e ia na retaguarda.

O infante D. Fernando, e seu sobrinho o conde de Arrayolos, caminhávam á frente da vanguarda.

Os moiros, porém, ou fosse por temor, ou por plano, não acceitaram combate. A maneira que os nossos avançavam, cediam elles terreno, até que chegaram a uma serra aonde fizeram alto. Estava alli acampado o grosso do seu exercito.

As asperezas da serrania, a fortaleza d'aquella posição, a immensidade das forças inimigas, e os cuidados e receios pela sorte do arrayal, de que já estavam tão distantes, determinaram o infante D. Henrique a recolher-se aos seus entrincheiramentos.

VII

No dia seguinte vieram os moiros sobre o arrayal, e como se unicamente pretendessem fazer apparato das suas forças, assim que viram os portuguezes dispondo-se para lhes saír a campo, retiraram-se com mais pressa do que tinham vindo. Todavia, a retirada foi um estratagema de guerra. O infante D. Fernando e o conde de Arrayolos, que saíram no seu alcance, não tardaram a verem-se n'uma cilada envolvidos por todos os lados.

Travou-se então uma renhida peleja, em que os nossos combatiam como desesperados, e no meio da qual caíu morto o principal chefe sarraceno. Entretanto, a brava hoste portugueza conseguiu salvar-se, não sem sacrificios, de tão perigoso conflicto, graças á sua coragem e desmesurado valor.

No dia immediato, 2 de outubro, nem os moiros voltaram a desafiar os nossos soldados, nem estes saíram do arrayal, pois que todos alli trabalhavam para o pôr em melhor recato e defesa.

Mas logo na seguinte manhã appareceu em frente do arrayal infinita multidão de moiros, atroando os ares com suas costumadas algazarras.

D'esta vez vinham resolvidos a combate. A audacia das suas vozes, e a ordem com que dispunham as suas hostes, bem o davam a demonstrar. Comtudo, não encontraram os portuguezes desprevenidos. Os vigias já tinham havia muito dado aviso de que, das alturas proximas, desciam e caminhavam para o arrayal numerosas phalanges inimigas. E tão apercebidos estavam os nossos para o combate, que ainda os moiros mal começavam a estender-se em longas fileiras pela frente do arrayal, caíram sobre elles tão de improviso e com tal impeto, que os romperam, pondo-os em desordenada fuga.

Apesar da grande superioridade das suas forças, pôde tanto n'elles o terror, que não ousaram voltar o rosto ao inimigo durante legoa e meia que este os foi perseguindo, captivando ou matando os que se deixavam ficar para traz. E mais longe iriam os portuguezes, levados do ardor de se desaffrontarem do aperto injurioso em que se viam, se as difficuldades do terreno, o declinar da tarde, e a lembrança que o arrayal ficára mal guarnecido, lhes não aconselhassem prudente retirada.

Os seus receios não foram sem fundamento. Assim que os moiros da cidade perceberam que uma grande parte do exercito christão se afastára tanto do seu acampamento, precipitaram-se com grande furia sobre o arrayal.

Foi um accommettimento horrivel, que poz os nossos em duros transes, e no mais eminente perigo. Eram tantos os que atacavam, e os defensores tão poucos, que por vezes esteve o arrayal a ponto de ser entrado dos moiros.

Viera a noite envolver tudo em trevas, e o exercito não regressava, nem havia noticia se era victorioso, se vencido. E o combate durava ainda em volta das estacadas tão rijo e violento, como no principio, porque os assaltantes eram de continuo reforçados e alentados por novas hostes saídas da cidade. Porém, no meio d'estas crueis incertezas, no meio d'este lidar tão penoso, e d'estes perigos tão graves e tão ameaçadores, nunca desfalleceu o animo aos valentes mantenedores do arrayal christão.

Rotas as estacadas, tiveram em muitos pontos de fazer de seus peitos muralhas. Exhaustos de forças pela fadiga, tiravam do seu animo novas forças. E assim sustentaram aquelle posto de honra, e a honra do nome portuguez, até que a chegada do exercito obrigou o inimigo a recolher-se apressadamente á cidade.

As tropas portuguezas da expedição não vinham menos ufanas da façanha que acabavam de commetter, do que o estavam os outros seus companheiros pela heroica defesa do arrayal. Os loiros colhidos n'aquelle dia por uns e outros eram, na verdade, muito para admirar e invejar. Se os que ficaram obraram incriveis prodigios de valor para repellir a aggressão de inimigos tantas vezes superiores em numero, os que saíram, atacando e levando de vencida por tanto espaço de tempo e de caminho forças dez vezes maiores que as suas, praticaram um d'aquelles actos de valentia e coragem, que constituem o verdadeiro arrojo, e de que a historia guarda tão raros exemplos nos seus archivos.

Mas de que valiam tantas proezas, tantos loiros, tamanha gloria, se a situação dos nossos bravos soldados não melhorava, antes sim peiorava, já não só de dia para dia, mas de momento para momento? Que importavam o lustre d'aquellas proezas, o vècejar d'esses loiros, o resplendor d'essa gloria, se algumas horas depois todo esse brilho se havia de offuscar entre as nuvens de pó levantadas por novos milhares de inimigos, que vinham estreitar o cêrco mais e mais, e pôr no ultimo apuro os sitiados?

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

LABYRINTHOS CURIOSOS

Como curiosidade archeologica offerecemos ao *Archivo* os dois seguintes artificiosos labyrinthos, que encontrámos n'um manuscripto antigo, onde se diz que foram abertos e entalhados em duas pedras nas paredes da egreja do Salvador de Moreira de Maia [1], commemorando o primeiro a fundação do templo, e o segundo a sua sagração.

✠	I	C	FE	S	E	RR	TE	U	G	U	TE	RR	E	S	FE	C	I	✠
I	C	FE	S	E	RR	TE	U	G	DO	G	U	TE	RR	E	S	FE	C	I
C	FE	S	E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E	S	FE	C
FE	S	E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E	S	FE
S	E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E	S
E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E
RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	1130	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR
TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	1130	RA	1130	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE
U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	1130	RA	✠E	RA	1130	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U
TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	1130	RA	1130	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE
RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	1130	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR
E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TR	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E
S	E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	UC	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E	S
FE	S	E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	TE	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E	S	FE
C	FE	S	E	RR	TE	U	G	DO	ZIN	DO	G	U	TE	RR	E	S	FE	C
I	C	FE	S	E	RR	TE	U	G	DO	G	U	TE	RR	E	S	FE	C	I
✠	I	C	FE	S	E	RR	TE	U	G	U	TE	RR	E	S	FE	C	I	✠

O primeiro labyrintho contém o seguinte: *Era* 1130 *Tructezindo Guterres fecit*. Significa: *Tructezindo Guterres fabricou esta egreja na era de* 1130 (anno 1092).

R	U	T	A	CR	A	S	TE	A	TE	S	A	CR	A	T	U	R
U	T	A	CR	A	S	TE	A	BB	A	TE	S	A	CR	A	T	U
T	A	CR	A	S	TE	A	BB	A	BB	A	TE	S	A	CR	A	T
A	CR	A	S	TE	A	BB	A	DO	A	BB	A	TE	S	A	CR	A
CR	A	S	TE	A	BB	A	DO	N	DO	A	BB	A	TE	S	A	CR
A	S	TE	A	BB	A	DO	N	ME	N	DO	A	BB	A	TE	S	A
S	TE	A	BB	A	DO	N	ME	1150	ME	N	DO	A	BB	A	TE	S
TE	A	BB	A	DO	N	ME	1150	RA	1150	ME	N	DO	A	BB	A	TE
A	BB	A	DO	N	ME	1150	RA	E	RA	1150	ME	N	DO	A	BB	A
TE	A	BB	A	DO	N	ME	1150	RA	1150	ME	N	DO	A	BB	A	TE
S	TE	A	BB	A	DO	N	ME	1150	ME	N	DO	A	BB	A	TE	S
A	S	TE	A	BB	A	DO	N	ME	N	DO	A	BB	A	TE	S	A
CR	A	S	TE	A	BB	A	DO	N	DO	A	BB	A	TE	S	A	CR
A	CR	A	S	TE	A	BB	A	DO	A	BB	A	TE	S	A	CR	A
T	A	CR	A	S	TE	A	BB	A	BB	A	TE	S	A	CR	A	T
U	T	A	CR	A	S	TE	A	BB	A	TE	S	A	CR	A	T	U
R	U	T	A	CR	A	S	TE	A	TE	S	A	CR	A	T	U	R

O segundo contém: *Era* 1150 *Mendo Abbate sacratur*. Quer dizer: *Foi sagrada pelo Abbade Mendo na era de* 1150 (anno 1112).

Ambos os labyrinthos se lêem começando-se na letra central (E), correndo a leitura para todas as quatro partes, e acabando nos angulos. Cada labyrintho se póde ler por um extraordinario numero de direcções.

AUGUSTO MENDES S. DE C.

RECTIFICAÇÕES

Em o n. 6, a pag. 43, dissemos que a *quinta das Janellas* pertencia á casa dos srs. condes de S. Vicente. Somos, porém, informados de que ao presente é propriedade, juntamente com o convento de S. Miguel das Gaeiras, dos herdeiros do fallecido par do reino, Faustino da Gama.

Na mesma pagina, quasi no fim da 1.ª columna, em logar de *jurisprudencia*, deve ler-se *jurisdicção*.

[1] Não sabemos se tal egreja ainda existe. Do mosteiro de S. Salvador de Moreira trata D. Nicolau de Santa Maria na sua *Chronica dos Conegos Regrantes*, p. II liv. VI, cap. II.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio